



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLII  
Área de conhecimento: Ciências Humanas

Título do Trabalho de Conclusão de Curso:

**MEMÓRIAS *MUN UAÇÁ* SOBRE A “PROTEÇÃO TUTELAR” ENTRE OS  
GALIBI**

***LIDE DJI MUN UAÇÁ A HESPÉK DJI “PROTEÇÃO TUTELAR” ATHE GALIBI***

*Acadêmica: Erika Wane Nunes*  
*Orientação: Carina Santos de Almeida*

Oiapoque, fevereiro de 2018

## **MEMÓRIAS MUN UAÇÁ SOBRE A “PROTEÇÃO TUTELAR” ENTRE OS GALIBI**

### **LIDE DJI MUN UAÇÁ A HESPÉK DJI “PROTEÇÃO TUTELAR” ATHE GALIBI**

*Acadêmica: Erika Wane Nunes  
Orientação: Carina Santos de Almeida*

**Resumo:** Este trabalho de conclusão de curso aborda as memórias do povo “mun uaçá” no contexto da proteção tutelar do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), a partir de entrevistas realizadas na aldeia Kumarumã. Procuro apresentar algumas situações vivenciadas pelos meus narradores sobre o contexto de chegada e atuação dos agentes do SPI e da proteção tutelar. Assim, destaco a criação da aldeia Kumarumã, conhecida na época como Santa Maria dos Galibi e a implantação da escola, situações estas que mobilizaram os “mun uaçá” que viviam nas diversas aldeias-ilhas no curso do Rio Uaçá para fixarem-se, obrigatoriamente, na recém implantada aldeia central.

**Palavras-chaves:** “Mun uaçá”, SPI, Kumarumã, proteção tutelar.

**Hesum:** Sa thavai-la dji kōklusiō dji kus, ki la lesp Hewi dji pov-la mun uaçá lādā un ghā lide a hespék dji “proteção tutelar” dji Serviço de Proteção aos Índios (SPI), palakós dji peskiz ki mo fe lādā kumunite dji Kumarumã. Sase phwezâte khék bagaj ki pov-la te ka viv, ka i hive pu mete mun dji (SPI) i dji “proteção tutelar”. Kōsa kā mun konét pov dji Kumarumã ie te ka viv pa patxizã dji lafami sepaha lādā xak bitasiō, as tã-la mun te konét kumã kumunite dji “Santa Maria” i Galibi i plâte lekól, a as tã-la ki muni ela hesi hasãble lādā um sel kote, lādā lahive Uaçá.

**Palavras-chaves:** Mun uaçá, SPI, Kumarumã, proteção tutelar.

### **Introdução**

Meu nome é Erika Wane Nunes, sou filha de Dona Maria Regiana Galibis Nunes, nasci dia 28 de março de 1993, na capital do Estado do Amapá, cidade de Macapá. Iniciei e conclui os meus estudos em escola indígena e não indígena, terminei meu Ensino Médio na Escola Indígena Estadual Camilo Narciso. Resido na Aldeia Kumarumã, na Terra Indígena Uaçá, pertencço a etnia Galibi Marworno e no momento sou professora contratada na Escola Camilo Narciso.

Interessei-me em cursar a Licenciatura Intercultural a partir do trabalho que os professores indígenas desenvolviam na escola da Aldeia Kumarumã. Recordo-me dos

professores Nordevaldo, de meu padrasto, professor Oracílio e de minha mãe Regiana, que recentemente havia sido aprovada no processo seletivo para a Licenciatura, agradeço também a Célia dos Santos Charles que traduziu meu resumo para o Kheoul, ademais, sou grata a Carina, minha professora e orientadora deste trabalho. Todas essas pessoas contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho de registro dos saberes e conhecimentos do povo “mun uaçá”. Essas pessoas me inspiraram. Minha mãe foi minha principal motivadora, hoje ela é formada na área de Ciências Humanas, sou grata a ela, pois foi meu incentivo de força e dedicação. Graças a ela estou cursando, desenvolvendo minhas pesquisas na área de Ciências Humanas e me interessando cada vez pela área de Educação.

Quero contribuir para a educação indígena, para a valorização dos ensinamentos transmitidos pela família, mas, sobretudo, para a Educação Escolar Indígena através do fortalecimento das histórias dos antigos e da transmissão dos saberes do passado em sala de aula, visando promover o diálogo entre escola e comunidade, transformar estas histórias em materiais didáticos para serem trabalhadas nas aulas. Quero compartilhar meus conhecimentos que obtive em meus estudos e continuar aprendendo, pois, estes conhecimentos rompem o esquecimento e consistem em ferramentas necessárias para o ensino-aprendizagem.

Escolhi pesquisar as histórias dos tempos do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) entre o meu povo. Nessa perspectiva procurei compreender como se desenvolveu as relações dos Galibi – posteriormente nominados Galibi Marworno – com a agência indigenista do governo brasileiro que iniciava o processo de proteção tutelar (SPI) entre os povos indígenas da região do Rio Oiapoque, fronteira com a Guiana Francesa. Os contatos dos “soldad” com os Galibi, expressão de meu povo que faz referência aos agentes do SPI, trouxeram e/ou impuseram para a sociedade local outros elementos socioeconômicos e culturais, bem como a introdução de “ensinamentos” para o modo de vida, nesses aspectos meus narradores recordam da inserção de novos produtos e práticas alimentares, do agrupamento do povo numa principal aldeia destacando como se organizaram em um só local, a instituição da escola, as lideranças e caciques da época e o contexto de nomeação, as informações sobre o capitão Camilo Narciso, entre outras histórias que fazem parte do passado. Assim, procuro ressaltar as memórias sobre o SPI na região do Rio Uaçá.

Um personagem importante que emerge nas memórias de meus entrevistados é o capitão Camilo Narciso, inclusive, todos afirmam que ele foi muito importante para a promoção do (re)ordenamento espacial dos Galibi do Uaçá – “mun uaçá” –, dessa forma, a comunidade homenageou ele dando seu nome, depois de sua morte, para a escola que passou a se chamar Escola Indígena Estadual Camilo Narciso, na Aldeia Kumarumã. Antes de essa escola homenagear o capitão Camilo Narciso, havia outra, a Escola Indígena do Rio Uaçá, implantada pelo SPI, na década de 1940, na época da fundação da Aldeia Santa Maria, hoje Kumarumã.

Os meus entrevistados, sobretudo os idosos, usam em suas narrativas a expressão “mun uaçá” quando se referem ao nosso povo no tempo passado. Dizem que àqueles que moram no Rio Uaçá são “mun uaçá”, ou seja, são pessoas do Uaçá, expressão comum na língua Kheul das falas dos idosos, como de Dona Maria Ana, Mosiana e entre outros. Hoje, o meu povo se autorreconhece como Galibi-Marworno, muito diferente do passado. Até boa parte do século XX os “mun uaçá” eram denominados pelos “outros” apenas como Galibi, sobretudo pelo SPI. Assim, quando o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) chegou na região acabou por acrescentar à denominação Galibi a palavra “Marworno”. Conforme meu entrevistado Paulo Silva informou, essa denominação pretendia diferenciar os indígenas Galibi do Rio Uaçá dos indígenas Galibi do Rio Oiapoque – também reconhecidos como Galibi-Kalinã –, pois as duas etnias apresentavam a mesma denominação, então o padre Nello Rufaldi na década de 1970 acrescentou a etnônimo “Marworno”.

A antiga língua Galibi dos “mun uaçá” sofreu alterações no decorrer do tempo, atualmente a língua falada é o Kheul. Dona Maria Mosiana explica que os não indígenas “buesiliê” aprendiam e comunicavam através da língua local: “[...] os buesiliê também foram aprendendo a falar a língua local, se comunicavam de uma maneira simples, foi algo que se desenvolveu com o decorrer do tempo”. A entrevistada argumenta que seu pai, um não indígena, aprendeu o Kheoul, mas falava o português com seus amigos “buesiliê”: “[...] meu pai foi uma dessas pessoas, quando chegou aqui foi aprendendo e, falava comigo na mesma língua que a gente falava, já com seus amigos ele... ele falava em português”. Dona Jovelina, outra senhora entrevistada por mim, explica que “[...] havia muitas penetrações de pessoas de ‘naciõ’ diferentes, como chineses, samaka,<sup>1</sup> kriolo.” Conforme esclarece, estas

---

<sup>1</sup> A expressão “samaka” se refere ao povo “saramaká”.

pessoas estavam em busca de ouro no Uaçá, a maioria delas eram homens e se beneficiavam extraindo recursos naturais da região do Kumarumã. Contudo, foram mandados embora pelo SPI, lembra inclusive que seu marido Felizardo dos Santos – antigo cacique – contava para ela que um dos motivos do SPI ter entrado na região foi que “[...] o SPI veio pra cá para tirar pessoas estranhas de perto de nós”, porém não foram todos que saíram, alguns permaneceram no local, pois se casaram, tiveram filhos e viveram entre os “mun uaçá”. Por sinal, Dona Jovelina informa que é descendente de uma pessoa de origem chinesa.

Este trabalho procura compreender como se desenvolveu a relação entre os “mun uaçá” – povo Galibi Marworno do Rio Uaçá – e o SPI, a partir de entrevistas realizadas com várias pessoas. Muitas das narrativas de meus entrevistados acusam relações ambíguas, ao mesmo tempo em que alguns indicam aspectos positivos da atuação da agência indigenista, outros evidenciam as muitas relações obscuras e duvidosas da proteção tutelar.

Proponho neste estudo avançar um pouco mais sobre o tema da proteção tutelar do SPI entre meu povo, as pesquisas desenvolvidas por autores não indígenas não esclarecem este contexto de atuação apesar de apresentar fontes orais, contudo, como sou falante da língua Kheul, tive a oportunidade de conversar com os entrevistados na língua, moradores da Aldeia Kumarumã, e sou “mun uaçá”, consigo compreender e analisar o que os meus entrevistados falam, entendo os significados do que dizem de suas expressões e de seus silêncios, apesar de que muitos deles falam de um modo diferente do presente ou um Kheul diferente do atual. Transcrevi minhas entrevistas em Kheul e posteriormente realizei as traduções, nesta perspectiva procurei manter certas expressões significativas na língua exatamente de acordo com a fala de meus narradores, sem atender a revisão gramatical que ocorreu recentemente e ainda está em processo de afirmação.

Minha principal motivação neste trabalho é poder incentivar os estudantes e professores em minha comunidade, das diversas áreas disciplinares, a conhecer as memórias dos “mun uaçá” sobre o passado e o SPI. Esta pesquisa foi desenvolvida para ser utilizada em sala de aula como um documento/recurso didático-pedagógico, contém poucas informações históricas sobre o tempo do SPI, poucos “mun uaçá” se permitem falar sobre estas relações, muitas vezes desconhecidas entre boa parte do próprio povo, assim, espero que este estudo não fique somente em uma sala de aula, entre quatro paredes, ele

poderá ser discutido e aprofundado pelos estudantes e pelos outros professores nas escolas, avançando o estudo com novas pesquisas, com novas histórias.

Quero que este estudo sirva de caminho para inspirar outras pessoas a se interessar pelas memórias, lembranças e histórias dos “mun uaçá”. As narrativas expõem as formas de atuação e práticas locais do SPI desenvolvidas no Uaçá, dessa forma, a agência instalou uma escola, um posto de saúde e um posto indígena para a abrigar a administração, que promoveram intervenções em nossa organização social, como criação de gado, plantio de horta e ensino de atividades domésticas, entre outras.

No que se refere a metodologia de pesquisa deste trabalho, busquei primeiramente informações nos livros escritos pelos não indígenas, sobretudo, pesquisei sobre o SPI, entrevistei pessoas mais idosas da Aldeia Kumarumã, conversei com outras um pouco mais novas que também tem conhecimento e tiveram contato com pessoas bem conhecidas na história do povo. Desenvolvi pesquisa com os meus alunos da Escola Indígena Estadual Camilo Narciso enquanto atividade colaborativa, sendo que alguns destes contribuíram neste trabalho através de informações históricas das redes familiares na Aldeia. Nessa perspectiva, poucos alunos sabiam sobre a proteção tutelar do SPI, alguns foram buscar informações nos livros, outros se envolveram com a pesquisa de campo, entrevistando pessoas. Essas pesquisas dos alunos mostram como este tema é desconhecido na escola e entre os mais jovens da aldeia.

Para realizar as entrevistas tive inicialmente dificuldades. Foi muito complicado encontrar pessoas anciãs na minha Aldeia disponíveis e dispostas a falar, pois muitos não pretendem compartilhar memórias e experiências pessoais, colocam uma série de empecilhos para contribuir, o que me motivou a procurar também pessoas jovens para contribuir nesta pesquisa. Todos os meus entrevistados são “mun uaçá” ou Galibi Marworno, dentre as pessoas mais velhas que contribuíram para esta pesquisa estão Dona Maria da Conceição dos Santos, filha de Raimundo Jerônimo e Maria Madalena, que nasceu no dia 05 de agosto de 1918 e faleceu no dia 21 de maio de 2015, sendo que sua entrevista foi realizada pouco tempo antes do falecimento, no dia 18 de janeiro de 2015. Dona “Concei”, como era conhecida, não gostava de dar entrevistas, mas comigo foi diferente, pois tínhamos uma relação próxima e de confiança. Entrevistei Dona Maria Mosiana em 13 de janeiro de 2017, ela nasceu em 08 de setembro de 1919 e este ano completa 99 anos de idade, conforme atesta seu documento, contudo, explica que é

possível que seja mais velha devido ao registro documental nem sempre refletir a idade das pessoas na aldeia. Entrevistei Maria Ana Alexandre em 24 de novembro de 2017, ela nasceu no dia 15 de outubro de 1925 e é sogra de outro entrevistado, Sergio dos Santos, que nasceu em 09 de junho de 1971 e foi entrevistado no dia 19 de janeiro de 2018.

A relação de parentesco entre os entrevistados e envolvidos nesta pesquisa é singular. Entrevistei em 08 de maio de 2016 o Seu Paulo Roberto Silva, pai de Sérgio dos Santos, antigo cacique do Kumarumã e atual pastor da Igreja Assembleia de Deus em Kumarumã. Seu Paulo nasceu em 01 de abril de 1951 e é filho de Dona Maria Rosa e Seu Clemente, colega da entrevistada Maria Ana. Dona Maria Rosa nasceu em 17 de outubro de 1914, filha de Antônio Luciano Tajuba e Maria Estani e, faleceu em 2017.

Dentre os mais jovens entrevistados estão Dona Jovelina dos Santos, nascida em 26 de agosto de 1951, viúva de Felizardo dos Santos, uma das antigas lideranças da Aldeia Kumarumã, entrevistada em 09 de janeiro de 2018. Entrevistei também sua filha, Ermelinda Zilá dos Santos, nascida em 02 de março de 1979, e o genro Egilsom Gabriel Anika, casado com Ermelinda, nascido no dia 23 de novembro 1976, ambos entrevistados no dia 09 de janeiro de 2018. Foi o senhor Egilsom quem me ajudou na identificação de alguns lugares expostos em fotografias da aldeia Santa Maria dos Galibi, Kumarumã, no tempo do SPI.

## **1. O povo “mun uaçá” e a proteção tutelar do SPI**

Os “mun uaçá” vivem ao longo do Rio Uaçá muito antes da nossa região se tornar Brasil e, muito antes da chegada do SPI entre nós. Dona Conceição dos Santos, dizia que a formação da Aldeia Kumarumã é proveniente da concentração de famílias em um só lugar. Explica que o motivo para essa concentração se refere a implantação da “escola”, quando os “mun uaçá” passaram a sair de suas antigas moradas situadas nas ilhas do alto curso do Rio Uaçá e levar seus filhos à escola, recém constituída na Aldeia Kumarumã. Enquanto os pais trabalhavam na roça, os filhos iam estudar na escola e aprendiam a fazer “thavai djitxifam” e “thavai djitxiuom”: “[...] é lá que as crianças aprendiam a fazer alguma coisa, se é menina fazia o trabalho de menina, se é menino fazia trabalho de menino”. Informa

também que a aldeia atual pode ter recebido esse nome “Kumarumã” pelo fato de ter sido um local coberto de mato e denominado na língua como “ahumã”.<sup>2</sup>

Romildo dos Santos e Sergio dos Santos, ambos pertencentes ao povo Galibi Marworno, afirmam que o surgimento do nome Kumarumã refere-se a uma homenagem a um antigo morador que havia neste lugar, essa primeira pessoa que residiu neste lugar e era um pajé chamado Arumã. Relatam que ouviram essa explicação do senhor Jacque, conhecido como José Antonio Charles.

Atualmente a maioria do povo Galibi (Marworno) se concentra na ilha do Kumarumã, mas outros pequenos grupos também vivem dispersos em várias ilhas no curso do Rio Uaçá, mas também no Rio Kuripi, no Rio Urukauá, nas aldeias da BR 156 e também na Terra Indígenas Juminã, alguns Galibi (Marworno) são casados com pessoas de outras etnias. Segundo a entrevista de Seu Paulo Roberto, a idéia de agrupar o povo em um único lugar veio da intervenção dos “antigos agentes militares” do SPI que, ao chegarem na região do Rio Uaçá, fizeram promessas aos indígenas de que todos beberiam leite, aprenderiam a comer carne de boi – comida na época desconhecida pelos indígenas da região –, ganhariam tecidos e fardas e, que, haveriam professoras não indígenas que sabiam ler e escrever e dariam aulas para todos na aldeia, ensinando às meninas as “prendas para o lar”, dentre outros trabalhos.

As práticas estabelecidas pelo SPI possibilitaram impor um único local de moradia/agrupamento a todos os “mun uaçá”. Concentrar o povo facilitava estreitar as relações e a implantação da escola na Aldeia, no tempo do presidente Getúlio Vargas, procurou conduzir as crianças indígenas para aprender a ler e escrever em português, num contexto de nacionalização e integração dos povos indígenas brasileiros.

No início os indígenas da região não aceitaram diretamente o contato com os agentes do SPI no Rio Uaçá, conforme explica Dona Jovelina dos Santos:

*[...] quando os soldados entraram aqui eu morava na ilha Biskot, então eu era bem pequena, ainda criança, lembro também quando saímos do Kumarumã pra ir morar no Biskot... Logo no início os soldados chegaram em um barquinho, ele não era grande e aí contam, quando os soldados estavam chegando, eles estava indo para o Suraimum, antigamente moravam mais de uma família no Suraimum, mas com o passar do tempo essas famílias foram saindo de lá, aos poucos, até ficar*

---

<sup>2</sup>Ahumã significa mato que cresce, se alargando pelo chão em grande proporção com altura aproximadamente de um metro e meio, dele é extraído uma tala para a produção de diversos materiais, como paneiro, peneira e cestarias em geral.

*totalmente abandonado. A mãe do meu marido morava no Suraimum, já havia gente morando lá.*

*Algumas pessoas tinham muito medo, diziam que soldados matavam, e nesse tempo eles não tinham muita relação entre outras famílias. Mas não foi fácil de convencê-los para o deslocamento até a nova Aldeia. Na época as lideranças da Aldeia Kumarumã ficaram responsáveis de convencer aos poucos esses grupos familiares que viviam espalhados nas ilhas da margem do Rio Uaçá e fizeram várias reuniões para conscientizar todas essas pessoas.*

Conta a Dona Maria Ana que os homens do SPI andavam com roupas de soldados, sempre estavam armados e que, quando chegaram ao Uaçá trouxeram alimentos e tecidos chamados “letof”. Essas pessoas foram mandadas pelo “guvelmã”. Seu Paulo explica que os “mun uaçá” tinham medo dos “soldados” porque as notícias que circulavam eram de que matavam gente, afirma que os primeiros foram para a ilha Manaú, situada acima da Aldeia Kumarumã, pediram autorização de Camilo Narciso para ficarem lá por alguns dias. Dona Maria Mosiana explica que “[...] quando chegaram foram lá com o vovô Juanen e queriam conversar com ele, só que ele respondeu: – eu não sei, vão falar com o nosso chefe.” Juanen vivia com sua família na Aldeia Suraimum e, ao dizer aos soldados para conversar com “nosso chefe”, está fazendo referência a Camilo Narciso.

Dona Maria Ana explica que “*Eurico Fernandes, um ghã xéf<sup>3</sup>, chegou com os seus pais e disse para eles saírem de lá e irem morar na Aldeia Kumarumã, pois lá teriam uma vida melhor, tipo, começariam a estudar, porque nesse tempo as crianças não estudavam e não sabiam escrever*”. Então, seus pais resolveram aceitar e sair do local onde estavam:

*Chegando aqui até que os soldados ajudaram um pouco na limpeza da aldeia, aqui era só mato, não tinha quase casa... aqui era totalmente coberto de mato, nós tínhamos que construir nossa vida tudo de novo, construir tudo de novo, eu era bem criança e me lembro bem! Os homens fizeram uma limpeza aqui, passaram muitos dias limpando aqui, era homens capinando e roçando e as mulheres faziam caxihi<sup>4</sup> para os homens beberem. Eu lembro que a nossa casa era de palha e não tinha nenhuma divisão dentro.*

O “ghã xéf” Eurico Fernandes era um agente do SPI, o primeiro que chegou na região de Oiapoque, Dona Maria Ana afirma que foi ele quem trouxe a escola no Kumarumã.

---

<sup>3</sup> “Ghã xéf” é uma expressão para destacar a posição do “grande chefe” ou de um líder. No caso aqui empregado pelos narradores, a palavra se refere ao agente do SPI Eurico Fernandes.

<sup>4</sup> *Caxihi* é a forma escrita para a bebida típica do povo “mun uaçá”. Entre os Karipuna essa bebida chama-se caxiri e entre os Wajãpi chama-se caxixi. Portanto, cada povo tem sua forma própria de denominar e de falar o nome da bebida tradicional, ainda que as palavras sejam semelhantes.

Conta também quais eram as características do “kapiten” ou principal liderança dos “mun uaçá”. E ela continua:

*[...] o nosso ‘kapiten’ era um homem bem gordo, era homem velho já, tinha cabelos brancos... Eu lembro, eu ainda era solteira, eu ainda ia me casar! O capitão era um homem alto e grande, no tempo dele é que fizeram limpeza aqui, depois tocaram fogo, aqui tinha muito ‘maracanã’,<sup>5</sup> mas depois foram limpando... e, aqui construímos nossa casa, foi feita de qualquer jeito. Só aqui onde tem a escola é que nós nunca tinha que fazer casa, porque diziam que era do ‘guvelmã’, mas mesmo assim a gente fazia de caminho para chegar na nossa roça.*

No passado os “mun uaçá” viviam em ilhas distantes da atual Aldeia Kumarumã e, nesse tempo, cada família tinha sua própria “ilha”, onde vivia duas, três ou mais famílias. Essas famílias “mun uaçá” habitavam nas ilhas Uruku, Pos, Suraimum, Biskót, Manaú, Arãpuk outras,<sup>6</sup> pois nesse tempo ainda não havia muitas famílias morando na Aldeia Kumarumã. Dessa forma, as famílias que moravam dispersas nas ilhas foram chamadas para morar no Kumarumã, algumas foram convidadas pelo “kapiten” Camilo Narciso, outras pelo “ghã xéf” Eurico Fernandes, destas poucas recusaram a mudança, mas cederam e levaram os filhos para frequentar a escola na Aldeia Kumarumã. Por sinal, Dona Mosiana explica que alguns “mun uaçá” se recusaram muitas vezes de sair de suas ilhas-aldeia, somente resolveram se mudar quando foram chamados pelo agente do “guvelmã” Eurico Fernandes.

Os “mun uaçá” tinham seu jeito próprio de viver muito antes dos agentes SPI chegarem na região, o agrupamento das famílias em uma única aldeia partiu de uma decisão não indígena. Morar em ilhas distantes umas das outras, onde viviam duas ou três famílias numa “abitaciõ” era o ritmo próprio, uma vez que os contatos estabelecidos no passado mostravam que as doenças contribuíram para que as famílias se mudassem de suas ilhas ou “abitaciõ” e fossem morar ainda mais longe uns dos outros, pois consideravam o local da doença como “contaminado”. As famílias apresentavam organização própria.

O “kapiten” Camilo Narciso e o “ghã xéf” Eurico Fernandes procuraram atrair os “mun uaçá” com a instalação da escola, as pessoas nesse tempo não eram desobedientes, todo o serviço que o SPI pedia para fazer, costumavam obedecer, junto com o SPI construíram uma casa grande, ajudaram a construir o posto de saúde e outros tipos de

---

<sup>5</sup> “Maracanã” é um tipo de pássaro que existe na região do Rio Uaçá.

<sup>6</sup> As ilhas Uruku, Pos, Suraimum, Biskót, Manaú, Arãpuk são ilhas-aldeias onde o povo “mun uaçá” vivia ao longo do Rio Uaçá.

serviços. O aluno Cleiton Getulio dos Santos – colaborou com a pesquisa através das memórias familiares –, explica que, antes do SPI escolher onde seria implantada a principal Aldeia de Kumarumã, o órgão tentou agrupar algumas famílias na montanha Tipoca,<sup>7</sup> contudo as famílias não quiseram ir e reclamaram, achavam muito longe da beira do rio, pois durante o verão não conseguiam chegar de canoa até a aldeia. Outro motivo era que ficaria difícil para buscar água, então, consideraram o Kumarumã melhor para construir suas casas, uma vez que não ficariam tão longe da beira do rio durante o período de seca:

*Os índios só começaram a viverem no Kumarumã a partir de reuniões que eram realizadas várias vezes, caso se alguém desobedece ao SPI, eles mandavam para o Encruzo, a pessoa ficava pra lá trabalhando... foi decidido que todos viessem a morar na Aldeia Kumarumã, para que colocassem seus filhos na escola para estudar. Logo no início o SPI costumava visitar as ilhas e foram pra lá, na montanha Tipoca, para ver se dava para fazer escola, depois falaram para os índios que seria bom, mas os índios se recusaram a ficar, porque estava perto de uma outra etnia, e que também ficava longe da água; e foi aí que o SPI resolveu sair de lá com os índios e foram parar na ilha Kumarumã, onde foi feita a primeira escola.*

Nesse tempo, alguns pais vieram morar com seus filhos na ilha de Kumarumã, no entanto, algumas famílias levavam seus filhos somente pra estudar e retornavam para suas ilhas. Então, quando terminava a aula dos filhos, os pais vinham buscá-los, conforme relata Dona Mosiana:

*Antes esses pais traziam comidas para os filhos que nem passarinho... ôh... ôh... o passarinho pega comida e carrega para os seus filhos comer. Viu?! Como ele leva pra seus filhotes?! Então, é assim que os pais faziam, levavam comida, farinha, tapioca, lâpua [goma de tapioca]. Isso tudo, lá pra a casa grande, na escola.*

A escola ao mesmo tempo em que reunia as crianças, as meninas e os meninos para estudar, contribuiu para o surgimento de algumas situações que Dona Mosiana chamou de “lekol kumase pabō”.<sup>8</sup> Alguns estudantes estavam namorando escondido e isso causou algumas consequências, as jovens engravidaram e os pais foram chamados. O “kapiten” Camilo Narciso, a pedido do “ghã xéf”, continuou insistindo na transferência das famílias “mun uaçá” para o Kumarumã, contudo, Dona Mosiana conta que apesar dos “mun uaçá”

<sup>7</sup> Tipoca é uma das principais montanhas da região do Uaçá, um morro testemunho que se destaca na paisagem dos campos alagadas, onde o SPI tentou inicialmente implantar uma aldeia para o povo Galibi, mas conforme explicam os narradores deste estudo, esse local não foi bem aceito entre os “mun uaçá”.

<sup>8</sup> “Lekol kumase pabo” é uma expressão na língua Kheoul que literalmente pode ser traduzida por “escola começou a ficar ruim”.

terem muito medo, a “gho kaz lekol la”<sup>9</sup> ou a escola já estava pronta e as famílias “ie kumase fe txikaz, txikaz, txikaz fei”,<sup>10</sup> vieram fazer suas casas no Kumarumã:

*E aí o ‘kapitê’ começou a mandar buscar esses pais de novo dizendo para eles virem, e foi aí que vieram. Aqui onde eu tô não era assim era só mato que nem uma floresta, tinha matapache, matapache,<sup>11</sup> era muito feio, aí onde, hoje é a casa do bobino desde daí até aqui era muito sujo, só era limpo mesmo a onde ficava, a casa do capitão Camilo era só a casa dele, daí começaram a fazer casas, primeiro fizeram aqui na frente, só aqui na frente que começaram a fazer, as pessoas começaram a construir aqui na frente, eles fizeram casinhas, casinhas de folha, depois a minha mãe veio também, eles todos vieram.*

*Antigamente as pessoas tinham medo... Hoje não! As pessoas estão prontas pra te bater, e aqueles [mun uaçá] não... Eles tinham muito medo! E a casa grande... essa casa... de escola lá no grupo, já estava pronta! E eles vieram, esse aqui trouxe seu filho, esse aqui trouxe um, esse aqui trouxe o dele... dois, esse outro trouxe três...e as crianças eram assim, que nem a minha neta assim pequena... uns... 8 anos... 11...12...anos. E aí eles vieram... trazer seus filhos para estudarem: aqueles que tinham filho menino, aqueles que tinham filha menina. Eles tudo vieram pra cá, pra estudar e os alunos começaram a estudar. Eles fizeram um ano na escola, eles estavam grandes... mas não deu muito certo... isso não deu muito certo porque, alguns alunos começaram a namorar iih... Esse negócio não prestou! Teve gente que engravidou! E aí mandaram buscar os pais desses alunos...mandaram chamar várias vezes os pais desses alunos... até que esses pais resolveram se mudarem para Kumarumã.*

A escola contribuiu muito para que o SPI conseguisse atrair as famílias “mun uaçá” para a nova aldeia de Kumarumã, situação esta que a antropóloga Antonella Tassinari também destaca em seus estudos.<sup>12</sup>

A organização sociopolítica do povo Galibi (Marworno) da Aldeia Kumarumã se manifesta nos dias atuais com eleições internas, realizadas pelos membros do povo e que visam fortalecer os laços de respeito entre comunidade e liderança. Esta organização tem como objetivo promover soluções aos problemas cotidianos que tratam da organização da Aldeia, dos trabalhos individuais e comunitários, criando regras e normas internas que visam melhorar o convívio, os laços familiares e a valorização da cultura indígena no contexto da diversidade regional a partir do respeito aos líderes experientes.

Esse modo de organização está associado ao dever de representar e exercer tarefas que contribuam para a convivência harmoniosa da comunidade. Cada liderança escolhida

<sup>9</sup> “Gho kaz lekol la” é uma expressão na língua que pode ser traduzida por “escola grande”.

<sup>10</sup> “Te kumase fe txikaz, txikaz, txikaz fei” é uma expressão na língua que pode ser traduzida por “começaram a fazer muitas casinhas de palha”.

<sup>11</sup> “Matapache” é uma palavra na língua que faz referência a uma árvore que dá frutos para os papagaios comerem.

<sup>12</sup> TASSINARI, 2001, p.168.

recebe o cargo com um compromisso perante a comunidade de representá-la no contexto social local, regional e nacional. Dentre as responsabilidades e funções destes representantes, estão as de apoiar, somar e contribuir para o melhor desenvolvimento do povo, assim como nos serviços comunitários – limpezas na aldeia, nos rios e na fiscalização da Reserva Indígena Uaçá – e, ainda, auxiliam e orientam as relações familiares.

Meus narradores, sobretudo os mais velhos, esclarecem que antes da presença do SPI entre os “mun uaçá” a principal figura de liderança era exercida pelo “xef”. Após a intervenção do órgão surgiu a denominação “kapiten”, que comandava o povo juntamente com os “soldad”, expressão utilizada para se referir aos agentes do SPI que comumente utilizavam “fardas” em suas vestimentas. Nos dias atuais, as lideranças são eleitas pela comunidade, como o cacique, vice-cacique, conselheiros, representante dos jovens, representante das mulheres e assim por adiante. Atualmente existe a participação das mulheres como porta voz, dentro e fora da comunidade, algo que no passado não ocorria.

No passado a representação política era distinta das formas atuais, Dona Mosiana recorda que antes de Camilo Narciso se tornar o “kapiten” e o apoiador do SPI na região, os “mun uaçá” eram representados pelos “xef”. Recorda que não conheceu o “xef” Celso, mas o seu sucessor Albe ela conheceu quando era muito criança, inclusive, lembra que Albe era marido da finada “gãgã”<sup>13</sup> Mariza. O “xef” Celso era do “tempo” de sua mãe, então, quando este morreu Albe assumiu. As memórias de Dona Mosiana esclarecem que depois do “xef” Albe assumiu o finado “gãhãpa”<sup>14</sup> Candeí, o finado “gãhãpa” Florêncio, em seguida Camilo Narciso, apoiador do SPI, depois “gãhãpa” Juanen, Floriano Macial, o finado Felizardo dos Santos e por fim Paulo Silva,<sup>15</sup> um dos entrevistados desta pesquisa:

*O capitão Camilo Narciso se tornou kapiten, mas antes dele tinha um kapiten índio que se chamava Celso, tinha mais um, Albe, era também um chefe o marido da finada gãgã Mariza. Eu cheguei a ver esse xef, não lembro quantos anos eu tinha, mas eu vi ele, agora o Celso eu não cheguei a ver, porque esse era do tempo de minha mãe, eu sei porque minha mãe que dizia que ele era o xef deles. Depois que esse Celso morreu, o xef Albe assumiu, depois veio o finado gãhãpa Candeí, ainda era rapaz, assumiu. Depois dele veio o finado gãhãpa Florêncio, assumiu. E aí depois veio o Camilo Narciso, dizia minha mãe que o xef Celso comandava lá nessa pequena ilha Cuelin, era lá que tinha uma casa grande de festa, era lá que esse xef*

<sup>13</sup> A expressão “gãgã” é utilizada como uma forma de respeito as mulheres mais velhas, significa literalmente “vovó”.

<sup>14</sup> “Gãhãpa” é uma expressão utilizada como forma de respeito aos homens mais velhos, significa literalmente “vovô”.

<sup>15</sup> Depois de Paulo Silva assumiram outras lideranças.

*comandava. Depois que ele morreu, foi o gãhãpa Candeí com o gãhãpá Juanen, e depois foi gãhãpa Juanen com o gãhãpa Camilo, depois o... depois desses que morreram veio o Floriano Macial e, depois o finado Felizardo dos Santos... mas eu me lembro quando meu pai me levava na escola, eu estudava lá no Pós muito antes do Kumarumã se formar*

Nos dias atuais, as reuniões com os representantes indígenas do povo, sejam eles lideranças políticas, da saúde e da educação, discutem as questões pertinentes a comunidade, sendo que os moradores têm espaço para colocar suas opiniões durante as reuniões realizadas. As lideranças que atuam na Aldeia Kumarumã, representados pelo cacique e vice-cacique, colaboram com as autoridades maiores do governo e outras, tais lideranças são encarregadas de fazer muitas viagens para representar a comunidade do povo indígena Galibi-Marworno.

A liderança principal dos Galibi-Marworno tem uma grande importância desde o passado até os dias atuais. É por intermédio desta e de suas decisões em conjunto com outras lideranças que surgem às formas de organização interna e externa, assim, se define os elementos de cultura e tradição frente aos não indígenas e busca-se o respeito e os direitos à autonomia. Atualmente em caso da troca de um cacique entre o meu povo, é preciso levar em consideração algumas exigências para os candidatos a serem votados pela comunidade, dentre estas exigências destacam-se a postura moral, o interesse e a preocupação com os problemas que envolvem a comunidade. A liderança precisa ter autoridade em suas palavras, não ser tímida, estar pronta para enfrentar as diversas barreiras e constantes viagens, ainda, deve saber a importância e responsabilidade deste cargo, ser transparente e saber dialogar com as pessoas. Dessa forma a organização social e política estabelecem-se naturalmente, de maneira mais tranquila e organizada, afastando-se de uma visão equivocada que se tem a respeito dos povos indígenas em relação as suas formas próprias de organização sociocultural.

A palavra “xef” surgiu nas narrativas de meus entrevistados para denominar o “principal” ou “liderança” dos “mun uacá”, posteriormente foi substituída por “kapiten”, mas essa mudança faz parte do contexto de influência do SPI entre o povo. Até o tempo de Seu Paulo Silva a denominação utilizada ainda era “kapiten”, agora comumente é utilizada a expressão “cacique”. Contudo, os mais velhos e alguns jovens continuam chamando a liderança de “kapiten”, enquanto os mais jovens de “cacique”. Sergio dos Santos inclusive esclarece o contexto da mudança de denominação:

*No passado era comum, ver as pessoas chamando um líder de capitão, kapiten, agora por quê? Porque... nesse tempo foi uma época de ditadura né, em que... o Brasil era comandado pelo militarismo né! E as lideranças das comunidades indígenas adotaram essa nomeação, a mesma nomeação... de como os militares se tratavam e se conheciam, nessa época. E lá entre os Galibi Marworno como são reconhecidos hoje estavam os agentes SPI, então quando eles chegaram lá, eles deram título de nomeação aos indígenas... de capitão, major, como agente pode ver o Camilo. Mas aí como vocês podem ver, quando acabou o período da ditadura militar é que começaram a chamar de cacique, percebem que é só... durante a ditadura militar é que as pessoas se chamavam de capitão?! Kapiten entre as comunidades indígenas! Agora estamos fora da ditadura militar e agora é cacique.*

A proteção tutelar do SPI no passado certamente não compreendia as maneiras como os “mun uaçá” se organizavam e pretendia direcionar a “proteção tutelar” para a afirmação da nacionalidade e da fronteira brasileiras, promovendo ações que visavam integrar os povos indígenas de Oiapoque à sociedade nacional.<sup>16</sup> Os agentes do SPI interferiram na autonomia dos “mun uaçá”, impuseram regras e tomaram decisões pelo povo, a denominação “capitão” foi amplamente difundida pelo órgão. O SPI procurou estabelecer relações de autoridade com Camilo Narciso, que naturalmente já tinha um protagonismo político entre os “mun uaçá”, reconhecida liderança do seu povo, assim, foi personagem importante para SPI na implantação dos pressupostos do órgão (Fotografia 1).

Fotografia 1: Kapiten Camilo Narciso e o mção Jeannet



889 — O “Capitão” Camilo Narciso, chefe de um grupo de índios Galibi, lado direito “Major” Jeannet Alexandre, chefe da tribo. Rio Uaçá.

Fonte: RONDON, Cândido M. *Índios do Brasil, das cabeceiras do Rio Xingu, dos Rio Araguáia e Oiapóque*. v.II. CNPI, Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1953. p.296.

<sup>16</sup> ALMEIDA, 2016.

Segunda a informação de Dona Mosiana, Dona Maria Ana, Sergio, Seu Paulo e Dona Jovelina, o agente do SPI Eurico Fernandes era conhecido como grande chefe ou “ghã xéf” na época, Seu Raimundinho, também agente do SPI, filho de Eurico, era quem assumia o lugar do pai quando ele se ausentava. Djalma ou “Dejã”, substituiu o “ghã xéf” Eurico, e acabou vendendo o restante dos bois que ainda haviam sobrado na “fazenda”, lugar chamado “Patxiha” na Aldeia Kumarumã, para comprar um barco que levou o nome de Santa Maria.

Recorda Dona Mosiana que sua família residia na mesma aldeia, o Suraimun, que o “manjo” Juanen, conhecido como major Joannet pelo SPI:

*Juanen era “manjo”, pra mãe da minha mãe ele era o “non” dela.<sup>17</sup> Mo gãgã ho fue, ãmbe a la ie te fika (Era ali que eles moravam). Então, do outro lado da ponta dessa ilha, lá morava muita gente, eram muita gente, porque prá lá era lá que morava minha mãe, com a minha avó, com meu “non”, meu avô, depois eles todos saíram, foram morar lá no Uruku. Vocês viram onde é a casa do Zé Pahiku, pois é, era para lá a casa do Juanen, onde ele morava. Então, do outro lado de onde ele morava ficava a casa da minha finada mãe, junto com a mãe dela, irmã e irmão.*

De um modo geral pode-se dizer que a “proteção tutelar” desenvolvida pelo SPI entre os “mun uaçá” interferiu drasticamente no ritmo tradicional do povo. As relações de casamento e parentesco (namoro) foram impactadas, Sergio dos Santos relatou em sua entrevista diversas situações delicadas, conta que os agentes do SPI chegaram a embriagar os maridos de algumas mulheres simplesmente para poder se relacionar sexualmente, as vezes o ato era praticado de forma forçada.

O SPI foi responsável pela introdução de novas práticas alimentares, Dona Mosiana informa que, no tempo de recém-casada, o SPI introduziu “bois” na aldeia, “[...] foi o SPI que fizeram esse trabalho lá, era no tempo deles, era no tempo em que eles colocaram os bois pros índios, foi o chefe deles que colocaram, eles trabalharam muito lá [...]”. Dona Mosiana explica que chegou a morar no Encruzo no tempo do Eurico, lugar que ela chama de Buxú.<sup>18</sup> Esclarece que o Posto do SPI vendia comida, leite, roupa, tracajá, pele de jacaré e farinha, pois funcionava um comércio ali. Recorda que trabalhavam muitos homens com

<sup>17</sup> Não consegui uma tradução para a palavra “non”, alguns me explicaram que era “padrasto”, enquanto outros disseram que significava “senhor”.

<sup>18</sup> A expressão “Buxú” foi mencionada pelos meus narradores para se referir ao local do Encruzo, mas essa expressão pode ser utilizada em outros momentos para se referir a entrada de uma região ou a embocadura de um rio ou igarapé.

o chefe Urik (Eurico Fernandes), a cozinheira costumava fazer comidas diferentes, como arroz com pirarucu desfiado e lhe ensinou a cozinhar “carne de boi”. Dona Mosiana destaca que o SPI tinha uma boa estrutura no Encruzo e que o dinheiro circulava lá: “*Lá no encruzo era bonito, tinha usina lá, tinha uma roça de arroz, eles faziam tijolo, isso é bem antigamente que estou falando, lá trabalhavam muita gente, tinha gente demais trabalhando lá e o dinheiro circulava lá.*” Segue a fala completa de Dona Mosiana:

*No Encruzo, era no tempo do Eurico, eu não tinha nem um filho, não era no tempo do muche Dejã (agente do SPI chamado Djalma). Então, lá funcionava um comércio, eu fiquei lá por um tempo, lá no Buxú (Encruzo) tinha pra vender comida, leite, roupa, tauahu (tracajá), lapo kaimã (pele de jacaré), kuak (farinha), então tava lá o Eurico Fernandes, e seus empregados. Lá tinha um homem que se chamava Sacafe (“empregado do SPI, segundo Dona Mosiana), a mulher dele se chamava Alexandrinha, essa mulher me convidava pra ajuntar melancia lá no Kaiupurá (lugar depois do Encruzo): - Vamos buscar bastante melancia! Só que eu não ia! Já o Guiom (marido de Dona Mosiana) ele ia. E eu ficava com a cozinheira do Eurico Fernandes, a Dona Francisca, eles conheciam como cozinheira do chefe Eurico. Eu sentava perto dela e via como ela fazia comida, ela fazia comida, arroz, desfiado de pirarucu, eu ficava olhando como ela preparava, quando aprontava todo mundo se sentava e comia juntos, quando acabavam eles iam se sentar na ponte, eles me chamavam pra comer com eles, só que eu tinha muita vergonha, eu não sabia nem como comer, mas eu comi bem rápido, lavei a minha mão e quando foi de tarde o Guiom, o meu marido, chegou com o Sacafe em uma canoa cheia de melancia, trouxeram muito, muito, eles deram muita melancia pra mim e para o meu marido, como se nós desse conta de comer tudo (expressão que significa: como se nós déssemos conta de comer!), onde que só nós dois acabaria tudo aquilo! Nós dormimos lá e quando foi no outro dia nós fomos embora e subimos o rio. E no outro dia nós voltamos de novo para o encruzo e o Guiom levou bastante carne de pirarucu pra vender para o Eurico, era ele que pedia, a gente ia muito lá, eu comi carne de boi com a cozinheira, ela me ensinou, então era gostoso! Depois o Eurico dava bastante arroz para o guiom, e ele voltava, agente voltava de lá. Lá no encruzo era bonito, tinha usina lá tinha uma roça de arroz, eles faziam tijolo, isso é bem antigamente que estou falando, lá trabalhavam muita gente, tinha gente demais trabalhando lá e o dinheiro circulava lá. Eu vivi muito tempo sem filhos, por isso eu sei, porque eu vi, eu viajava muito assim, e eu custei a ter filhos, acho que fiquei uns quatro anos sem ter filho. Tinha remédio pra vender. Era bonito lá, tinha uma ponte grande, era o Eurico (Uriko) que estava lá, era só “buesiliẽ” (brasileiro) que vivia lá, depois que o Eurico foi (embora), depois foi o Raimundinho, depois veio o Dejã pra cá, ele que ficou com os bois e vendeu.*

## **2. A escola entre os “mun uaçá” e a atuação do SPI**

A primeira escola surgiu entre os “mun uaçá” na década de 1930, especificamente no ano de 1934, a partir da atuação do Cel. Magalhães Barata, interventor federal no Pará, representante do “Governo Brasileiro”, como uma “[...] tentativa de incorporá-los à sociedade nacional [...]” e, conforme explica Eneida de Assis (1982, p. 102 e 103), “Este (interventor) ao tomar conhecimento dos problemas da região mandou construir uma

Escola em cada aldeia. [...] Essas Escolas, no entanto, tiveram duração efêmera pois já em 1937 elas foram desativadas.”

Meus entrevistados revelaram memórias significativas sobre esse processo de implantação da escola, migração e consolidação da Aldeia Santa Maria dos Galibi. Conforme os relatos destacam, a constituição da principal aldeia dos “mun uaçá”, conhecida hoje como Kumarumã, envolveu a mobilização e migração de inúmeras famílias de suas aldeias originárias para a nova aldeia que, os “xef” e os “soldad” do SPI estavam esforçando-se em implantar. Esse processo foi brevemente relatado também pela antropóloga Tassinari ao atribuir a escola o motivo da mobilização do povo (2001).

Dona Mosiana, Dona Jovelina, Dona Maria Ana e Dona Conceição me explicaram que “ghor kas lekol”<sup>19</sup> instalada na aldeia que “atxemã Kumahumã”<sup>20</sup> pelo SPI, do “ghã xef” Eurico Fernandes, tinha por finalidade agrupar os indígenas que moravam em ilhas separadas e, conseqüentemente, atrair muitos alunos para estudar de forma obrigatória. Contam que quando a escola estava pronta na aldeia, algumas famílias permaneceram distantes e não levaram seus filhos para estudar, como o caso de Dona Mosiana – que, logo que se casou, viveu distante da aldeia e “viajou” pelas ilhas situadas no Rio Uaçá.<sup>21</sup> Dona Mosiana me disse que foi o SPI que fez a escola, inclusive, eram eles (SPI) que pediam para “kapiten” Camilo Narciso ir buscar os pais e os filhos para colocar para estudar.

Dona Mosiana, a entrevistada mais velha, não chegou a estudar, mas sabia da existência da escola e das crianças que a frequentavam na época em que era uma moça e estava casada. Seu relato enfatiza que a mudança de “abitaciõ” dos “mun uaçá” para o Kumarumã trouxe “muito choro”, as pessoas “tinham medo” do SPI e “por isso obedeciam”:

*Teve muito choro aqui, tinha muita gente que não queria sair da “abitaciõ” deles, essas pessoas não queriam vim pra cá para o Kumarumã, teve gente que chorou demais, porque não queriam vim pra cá, tinha homem e mulher que choraram muito, só que eles tinham medo e por isso obedeciam. Agora esses “mun do uaçá” desse tempo que eu ti contei, eles todos já se foram, todos já morreram, agora só*

<sup>19</sup> “Ghor kas lekol” significa escola grande.

<sup>20</sup> “Atxemã Kumahumã”, expressão que significa “Atualmente se chama Kumarumã”.

<sup>21</sup> A expressão “no voiage tupatu” ou, simplesmente, “viajou por todos os lugares”, dá ênfase a história de vida de Dona Mosiana. Ela relatou suas trajetórias ao lado de seu marido e, no caso dessa expressão, visa ressaltar que percorriam diferentes ilhas e lagos, onde encontravam seu “modo de vida”, assim, posteriormente decidiram fixarem-se no Encruzo, local do Posto Indígena do SPI.

*está viva eu, a Maria Ana, e a Loisá, e a tã Flor que tá lá na fazenda, nem o meu marido mais está aqui...*

Tanta a Dona Mosiana como a Dona Maria Ana relembram que tinham amigas que estudaram e aprenderam a costurar, a fazer roupa e horta. Maria Ana conta que a professora não tinha estudo suficiente como acontece hoje, naquela época saber ler e escrever era o suficiente e, simplesmente ensinava o que havia aprendido. Explicam que aprenderam “xak un bagaj moke” ou “aprenderam a fazer algo” na escola:

*Eu estudei nesse tempo com a professora Doquinha. Nesse tempo aquela mulher que mora no Oiapoque ah... a mulher do finado compadre Emiliano, ah... dona Iracema, ela era minha colega de escola, hoje ela tá bem velha, nós estudamos juntas com a professora Doquinha, eu estudei também com a Rosa, mãe do ex-cacique Paulo, com a Emeli, com a Maciana. Essas aí elas costuravam e aprendiam mesmo a fazer as coisas que a professora ensinava, já eu não sabia fazer nada! O que eu malmente fazia era escrever meu nome, eu tecia crochê, a tia Maciana e a Rosa só costuravam, nós estudamos também com a professa Ramira, ela foi a primeira professora a dar aula aqui.*

Para Dona Maria Ana o ensino na escola era rígido, ela confia que sofreu vários “castigos”, que apanhava de sua professora chamada Doquinha de diversas formas, “a te un fam to mixã”.<sup>22</sup> A professora Doquinha “era muito brava, ela ralhava muito”, batia na mão e na cabeça, sendo que foi o SPI que a trouxe entre os “mun uaçá”:

*A professora Doquinha era muito brava, ela ralhava muito, ela batia com régua na mesa e na gente também, [ka i te ka hele u ka kaka la u txilot: **só o grito dela fazia a pessoa se cagar na roupa**]], ela batia com palmatória, eu, nesse tempo, ficava com as mãos inchadas de tanto apanhar dela, até porque eu era atentada, eu queria conversar com os meninos, eu queria namorar, e ela não deixava. Estudavam todo mundo junto e a sala ficava dividida ao meio, de um lado ficavam os meninos e do outro as meninas. As nossas cadeiras eram um banco e uma mesa feita para caber duas pessoas, nesse tempo eu era baixinha, pequena demais e bem gordinha.*

A professora Doquinha tinha o costume de observar e controlar a postura e vestimenta dos alunos, Dona Maria Ana recorda-se que quando chegava na escola a professora “[...] olhava a nossa roupa e reparava se a roupa da gente estava bem amarrada [...]”, inclusive explica que ela, por ser “gorda demais”, pegava uma “corda” e apertava sua cintura de forma a fazê-la sentir-se “sufocada vestida assim”, “no te gãĩẽ pu hete la no lěj biẽ sêthe”,<sup>23</sup> prática realizada cotidianamente, com todos os estudantes, sendo “costume

<sup>22</sup> “Ate un fam to mixã” significa “era uma mulher muito brava”.

<sup>23</sup> A expressão “No te gãĩẽ pu hete la no lěj biẽ sêthe” significa “nós tínhamos que ficar com a roupa bem firme no corpo”.

dela de fazer isso pra ver se estávamos vestidos como ela queria”. Além de controlar a postura de vestimenta, ainda “olhava as nossas cabeças pra ver se nós tínhamos piolho”:

*Quando eu ia para escola, eu ficava apertada na roupa que eu vestia, até porque eu era gorda demais e a professora Doquinha ainda olhava na nossa roupa e reparava se a roupa da gente estava bem amarrada na gente. Ela pegava uma corda e apertava a minha cintura, eu me sentia sufocada vestida assim, e ela fazia isso com os outros alunos também, era o costume dela de fazer isso pra ver se estávamos vestidos como ela queria; ela colocava agente na fila e olhava as nossas cabeças pra ver se nós tínhamos piolho.*

A introdução da escola e seus ensinamentos entre os “mun uaçá” foram percebidos pelas pessoas da aldeia de duas formas, a primeira pode-se dizer “satisfatória” e a segunda “inaceitável”. Satisfatória, nas palavras de Dona Maria Mosiana, se refere aos ensinamentos adquiridos através da escola: “[...] muitas mulheres aprenderam a costurar porque elas aprenderam vendo os outros costurando, aquelas que estudaram no tempo do SPI”. Algumas mulheres aprenderam a fazer “corte” e “costura”, aprenderam ensinamentos na escola que julgam ser proveitosos para o cotidiano de vida da aldeia, por outro lado, a maneira descrita pelos entrevistados de como a professora agia com seus alunos durante as aulas é inaceitável. Meus entrevistados não podiam falar na língua, narram que o aluno na sala de aula que não aprendesse o que lhe foi ensinado, sofria a ação da professora que costumava “bater”, não importava como e onde iria bater. Segunda a narração de Dona Maria Ana a professora Doquinha não era como esses professores de hoje, ela conta que apanhou muito na escola:

*Quando eu estudei ninguém podia falar em Kheul na frente da professora Doquinha, a gente não falava mesmo, só íamos falar quando ela não estava por perto... Hum, essa professora era muito brava! Esses professores...?! Que tem hoje...?! Não são bravos não! Assim, como ela, não! **Eu apanhei dela, eu apanhei, apanhei, mas eu apanhei demais dela!** [i bat mû, i bat mû, i bat mû, i bat mû... i thop fut mû]. Eu ficava com a minha mão inchada! Eu também não sei, não consigo aprender! Ih... eu não podia nem olhar na janela e: – Nem faz isso! – Porque ela não deixava! Depois eu saí da escola... já a Dona Rosa e a Maciana elas estavam estudando e a professora ensinava elas a costurar, a fazer comida, eu lembro bem das minhas colegas.*

O posto indígena, o posto de saúde, a escola, assim como as novas práticas produtivas e alimentares entre os “mun uaçá” foram implantados pela agência do SPI, as novas gerações desconhecem essas práticas do passado, o ensino escolar hoje não aborda histórias de vida dos idosos da aldeia, assim, conversei com os entrevistados para entender como se desenvolveu as relações do SPI aqui na região e com os “mun uaçá”, sobretudo para poder entender como emergiram as novas formas de viver, as atividades,

os trabalhos, os métodos de ensino da escola e até onde a educação do professor interferia na educação dos pais. Como exemplo, compartilho a situação vivenciada pelo meu avô Manoel Teófilo, mais conhecido como Manduca, que, ao desobedecer a professora Doquinha em sala de aula, acabou apanhando, assim, saiu correndo da aula, sendo perseguido pela professora que o acompanhou até onde ele foi. Meu avô conta que agarrou as pernas de seu pai, dizendo que a professora havia batido nele e que queria continuar a fazê-lo. Nisso, a professora Doquinha mandou Manduca soltar as pernas de seu pai, que respondeu que ele não deixaria ela fazer isso com seu filho, sendo que a professora replicou o argumento afirmando que ela tinha o poder de fazer isso porque o menino era seu aluno.

Dona Mosiana explica que ao “[...] escutaram uma notícia, que os brancos estavam vindo e que eles estavam vindo pegar eles! Eles estavam vindo pegar o índio, pra eles ficarem mansos [...]”, seu povo resolveu se mobilizar e ir para outras localidades. Esses “ha blã-ielá” ou “esses brancos” eram os agentes do SPI que haviam chegado na região para “i ka vinĩ phã êdjê, ie le puie fhã”,<sup>24</sup> para amansar o índio:

*E foi então que escutaram uma notícia, que os brancos estavam vindo e que eles estavam vindo pegar eles! Eles estavam vindo pegar o índio, pra eles ficarem mansos, [Pu ie fhã, pu ie fhã!] Pra colocarem eles na escola! Para os filhos deles estudarem! Quando eles escutaram isso, então não ficaram para esperar, eles todos saíram do Suraimum para irem morar no Uruku, uns ficaram no Uruku, outros ficaram no Pombo, aí onde mora esse pessoal...*

As lembranças de Dona Mosiana relatam sobre a chegada do SPI e de uma antiga escola entre os “mun uaçá”. Explica que chegou a freqüentar uma escola na aldeia chamada Pos no tempo em que “era muito pequena” ou ainda criança.<sup>25</sup> Nessa época seu pai ainda estava vivo, moravam na aldeia Suraimun e ele costumava levá-la até essa escola. Suas memórias apresentam uma fatídica “tragédia” que ocorreu na escola que havia na aldeia Pos envolvendo a professora Melani. O “marido” da professora “Abelar” havia deixado a “arma carregada e isso deu morte”, impondo que fossem embora e a escola ficasse parada. O PPP da escola informa a situação mencionada por Dona Mosiana e inclusive informa o nome dos dois indígenas que se envolveram no “acidente” com a arma de fogo do professor:

<sup>24</sup> “I ka vinĩ phã êdjê, ie le puie fhã” significa “eles estavam vindo para pegar o índio pra amansar”.

<sup>25</sup> “Pos” é uma ilha-aldeia localizada entre as aldeias Kumarumã e Suraimun, respectivamente. Entre, atualmente ninguém vive lá.

O professor entrou de férias e ao retornar para a aldeia, reuniu com as lideranças, pais e alunos para falar a importância da continuação do segundo semestre do ano letivo, no momento da reunião aconteceu um acidente, com a arma de fogo do professor entre dois indígenas, que se chamavam (MIHUS E GASTÃO), por causa deste fato a escola ficou parada por longo período. (PPP da Escola Indígena Camilo Narciso, 2015).

Dona Mosiana recorda da professora Ramira que, apesar de já estar na aldeia “no tempo da professora Melani”, por ser muito nova ainda não trabalhava, mas que depois da paralização da escola, foi residir na aldeia Kumarumã e lecionar na escola:

*Eu não estudei na escola do Kumarumã, eu só estudei no Pós quando o meu pai era vivo, era ele que me levava para escola, todo dia ele fazia isso, todo dia mesmo! Eu me lembro... Eu saía do Suraimum para ir estudar no Pós, isso que aconteceu foi no tempo do meu pai... Quando ele era vivo... Depois teve um acidente lá, e a professora Melani e seu marido que davam aula foram embora, depois da tragédia que aconteceu, que então o marido dela, o marido da professora Melani, o Abelar, ele deu prejuízo, quando ele deixou a arma dele carregada e isso deu morte. Aí eles foram embora e aí entrou outra pessoa para trabalhar, só que depois desse acidente a escola ficou parada, depois veio a Ramira, só que a Ramira ela veio dessa vez já adulta e com seu marido que se chamava Nazarino. A Ramira já tinha vindo no tempo da professora Melani, a Ramira era bem novinha, ela não trabalhava ainda, só depois que ela veio trabalhar com seu marido, e aí depois eles foram embora para o Kumarumã onde fizeram a casa deles, aqui nessa frente, bem aí onde tem a farmácia hoje, perto da beira de rio, a Laum foi morar com ela e a Maria Julia... Aqui no Uaçá teve a professora Ramira, Corina e Doquinha no Kumarumã...*

Após o falecimento de seu pai, Dona Mosiana lembra que o SPI estava fazendo a construção de uma “casa grande” no Kumarumã, que viria a abrigar a escola, por sinal, destaca que, por ter se casado, conseguiu “escapar” de frequentar a escola que estava sendo implantada na então Aldeia Santa Maria dos Galibi:

*Depois a minha mãe se casou de novo, ela engravidou dele e teve uma menina e depois o bebê morreu... nesse tempo é que começaram a fazer uma escola uma grande casa grande...quando era tempo de muito carapanan minha família ia para o Uruku,quando passava esse tempo que era inverno eles voltavam para o Suraimum, eu era muito pequena nesse tempo, na época em que meu pai era vivo não tinha escola lá no Kumarumã, tinha era lá no Pós, talvez estavam pensando em fazer lá, mas não tinha nenhuma escola lá. Aí depois que meu pai morreu foi que estavam fazendo essa casa grande, a escola, lá no Kumarumã, depois que eu voltei do Caxipu, eu não estudei mais, minha mãe já estava com outro marido. Nesse tempo de inverno eu vi eles, o SPI, eu estava um pouco grande, eu me lembro que... deles tirando muita madeira como mecua (madeira para fazer esteio de casa), beben (madeira para fazer parede de casas) ...para levar para o grupo, para fazer a escola. Eu já estava bem sabida, já eles lá trabalharam na escola no tempo de verão, depois que trouxeram todas as madeiras que tiravam de lá de cima. Eu e minha irmã... nós vimos, não foram os soldados que fizeram essa escola, foi o pessoal lá... oh SPI, foi o SPI que fizeram esse trabalho lá, era no tempo deles, era no tempo em que eles colocaram os bois pros índios, foi o chefe deles que colocaram, eles trabalharam muito lá, eu perdi esse estudo, eu estava quase para me tornar moça quando me casei, e eu não podia mais estudar! Já a Laún, ela não, eles pegaram ela e colocaram ela para estudar. Mas como eu casei e não podia mais estudar, eu escapei, se eu não tivesse me casado...!*

As memórias de Dona Mosiana não parecem ser positivas quando se referem a escola entre os “mun uaçá”, tanto que ressalta que o casamento lhe possibilitou “escapar” de estudar. O Projeto Político Pedagógico da Escola Camilo Narciso informa que a primeira escola entre os Galibi-Marworno foi fundada em 1934, por intermédio do interventor do Pará – conforme destaquei anteriormente ao mencionar a dissertação de Eneida de Assis (1981) –, a partir da “luta das lideranças Capitão Camilo Narciso, Major Jeannet Alexandre, delegado Manoel Jerônimo, chefe de posto Eurico Fernandes e com órgão (SPI) Serviço de Proteção ao Índio”. Este PPP, da mesma forma como disse Dona Mosiana, informa que a primeira escola entre os “mun uaçá” funcionou “[...] durante seis meses, em uma ilha chamada POSTO, onde morava o capitão [...]”, com o professor “Sr. Abelardo Botelho do Nascimento”, que Dona Mosiana chamou de “Abelar”, professor este que se envolveu na situação do acidente ou “tragédia” que vitimou um aluno.

No ano seguinte foi enviado um professor para o Rio Uaçá (Galibi – Marworno) Sr. Abelardo Botelho do Nascimento, natural do Pará. A escola passou a funcionar durante seis meses, em uma ilha chamada POSTO onde morava o capitão, que reunia as pessoas pra fazer grandes reuniões, localizada na margem direita do Rio Uaçá. (PPP da Escola Indígena Camilo Narciso, 2015).

O PPP da escola (2015) e o funcionário do SPI Exedito Arnaud (1969, p.10) citam que nesta primeira escola foram matriculados 39 alunos, sendo 25 meninas e apenas 14 meninos, “sendo sete moças e cinco rapazes maiores de dez anos, os demais eram menores”, e a Dona Mosiana era uma dessas crianças. A narradora compartilhou uma história que aconteceu com a Ramira, professora que antecedeu a Doquinha. Conta que o marido dela, um não índio chamado Nazarí, ao saber que sua esposa, a professora Ramira, tinha um “caso” extraconjugal com o agente do SPI chamado “Diquinho”, tomou veneno de formiga, numa manhã seguinte a uma festa. Esclarece que esse episódio fez com que a professora Ramira fosse embora definitivamente do Uaçá e nunca mais voltasse. Segue a história contada por Dona Mosiana:

*Era em um tempo de festa, tinha dois “muche” (não indígena), eles estavam bebendo, eu não sei o nome deles agora, e de manhã cedo eles foram para o grupo (complexo que envolve a escola, o posto de saúde, posto indígena do SPI, casa da professora), assim que contam como as pessoas falam demais! Então, nessa casa onde eles estavam tinha muito veneno para matar (fumĩ mãio i fumĩ) saúva e formigas, mas isso não era para ninguém beber! E ninguém sabia o que estava acontecendo com o Nazarí (não indígena que acompanhou a esposa e professora Ramira), contam que ele queria deixar*

*a mulher dele, ele era casado e então ele queria separar da mulher dele (professora Ramira), pra casar com uma índia daqui do Uaçá e, essa mulher dele mesmo, estava interessada em outro homem, ela estava dando confiança pra outro homem. Então, ele tava muito sem paciência, não sabia como resolver a vida dele, a índia, quem ele queria, era a tia (tia) Maciana, mas nesse tempo a lei era muito forte nesse tempo, mas era ela que ele queria. E aí tinha um não índio que se chamava Diquinha, era um “ghor uom”, era com ele que a mulher dele estava tendo um caso, e aí o Nazarí nesse dia entrou no quarto onde tinha muito veneno e bebeu, ele bem que tentou dar pra criança beber (filho), só que a criança não quis e aí a criança saiu correndo dele. E nesse instante a Ramira vinha chegando, quando ela viu a criança correndo lá de dentro e ainda no chão, nessa mesma hora, escutaram um grito, um grito... de dentro do quarto, era o Nazarí, ele gritou, haaaa, a Ramira! Depois ele caiu no chão e morreu, e a Ramira começou a perguntar pra ele o que tinha acontecido daí pegaram e jogaram água nele e foi aí que viram que ele havia bebido veneno, e ele morreu. A Ramira gritou demais e depois passaram uma noite com ele e enterraram o Nazarí aí no cemitério mesmo, assim que acabaram de enterrar ele, madame Ramira foi embora do Uaçá e nunca mais voltou.*

## **Considerações Finais**

Entre 2015 e 2018 desenvolvi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo na Aldeia Kumarumã. Durante meus estudos tive a oportunidade de conversar com algumas pessoas bem idosas e com outras mais jovens para conhecer e compreender como se processou o contato do SPI com os “mun uaçá”. Assim, conversei com anciãs da aldeia, pessoas que possuem muitas informações guardadas em suas memórias e lembranças, contudo, nem sempre essas pessoas antigas contam ou confidenciam o que sabem e isso pode ocorrer porque são poucos àqueles que se interessem “ouvir” sobre o passado, sobre determinado assunto.

Meus narradores nem sempre me respondiam sobre o que perguntava, é recorrente “selecionar” e “escolher” as lembranças que compartilham. Percebi que durante as entrevistas alguns dos meus entrevistados “selecionavam” as histórias para contar, acredito que evitavam lembrar e compartilhar sobre aquilo que poderia “machucar”, percebi que alguns narradores preferiam “silenciar” durante as sessões enquanto outros falavam sem maiores dificuldades. Alguns se recordaram pouco sobre os “mun uaça” nos tempos do SPI, mas explicaram-se outras informações relacionadas, como o período escolar das crianças, os divertimentos e danças, como eram as lideranças, que tipo de alimentos consumiam e que foram inseridos, sobre o Posto de Saúde implantado,

a casa de festas, citaram nomes de indígenas que colaboraram nos trabalhos do SPI, enfim, algumas memórias apontaram inclusive situações bem sigilosas ou momentos marcantes que ficaram marcados em suas histórias de vida.

Confesso que encontrei muitas dificuldades para o desenvolvimento desta pesquisa. Atualmente são poucos aqueles que se interessam pelos relatos e memórias dos antigos, por outro lado, alguns procuram saber informações sobre o passado, mas não conseguem acessar tais memórias porque muitas vezes as pessoas detentoras dos conhecimentos e saberes em nossa aldeia se recusam, por diversos motivos, a compartilhar suas memórias e histórias de vida. Nem sempre os mais velhos desejam compartilhar o que sabem e experienciaram no tempo dos contatos com os não indígenas, com os “mun blã” e “buesilẽ”.<sup>26</sup> Como sou uma pessoa interessada em narrativas de memória, acabei por me envolver com estas histórias, assim, chorei e respeitei os silêncios presenciados. Percebi que as lembranças do passado deixaram certo “vazio” no coração de alguns entrevistados, sobretudo quando as memórias recordavam os parentes falecidos.

Procurei apresentar neste Trabalho de Conclusão de Curso algumas situações vivenciadas pelos “mun uaçá” no tempo da implantação da “proteção tutelar” do SPI em Oiapoque. Alguns “ensinamentos” e “práticas” do SPI foram importantes para a vida das pessoas, como aprender a costurar e a preparar alguns alimentos, conforme destacou Dona Mosiana, por outro lado, estes “ensinamentos” ou “práticas” intervíram na educação indígena, nas relações familiares, no apagamento e desvalorização da língua, na medicina tradicional, criando dependência aos medicamentos do posto de saúde e, sobretudo, transformando a organização social dos “mun uaçá”.

Essa organização talvez tenha sido o elemento que mais sofreu impacto da interferência do SPI, pois as famílias “mun uaçá” costumavam viver em ilhas-aldeias, respeitando o ciclo de vida, com a autonomia alimentar e com considerável solidariedade, porém, a medida que as famílias se mudaram para o Kumarumã, a organização social deixou de equilibrar-se nas relações solidárias. Dona Mosiana explicou que no passado se uma família fosse caçar ou pescar, ao retornar para suas casas costumava compartilhar o alimento com seus parentes de aldeia, a medida que foram se adensando

---

<sup>26</sup> “Mun blã” e “buesilẽ” respectivamente significa “gente branca” e “brasileiro”.

demograficamente numa única aldeia, estas relações de solidariedade se extinguíram e vigorou o predomínio do “dinheiro”, argumenta que “sí u gãĩẽ un mun obo to ki gãĩẽ mãje i u pa gãĩẽ lajã u ka phã ke u fẽ”, que numa tradução pode ser lido “se teu vizinho tem comida, e tu não tem dinheiro, tu pega com a tua fome/passa fome”.

Há muito ainda o que pesquisar, estudar e escrever sobre essa temática, precisei sistematizar este trabalho e selecionar algumas poucas passagens das narrativas para compor o texto final, deixando muitas outras para os futuros estudos. Dessa forma, este TCC consiste num primeiro esforço para a compreensão sobre a atuação da agência do SPI entre os “mun uaçá”, sobretudo porque suas formas de intervenção se apresentaram diferentes entre os povos indígenas do Brasil e de Oiapoque.

## Referências

- ALMEIDA, Carina S. de.; OLIVEIRA, Leonia R.; OLIVEIRA, Lilia R. *Atuação do Serviço de Proteção aos Índios entre os Povos Indígenas de Oiapoque*. IN: BRITO, Alaan U.; DALMÁCIO, Cris E. da C.; SIMÕES, Helena C. G.. (Org.) *Ciências Humanas: resultados dos projetos de iniciação científica da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP*. Macapá: Ed. UNIFAP, 2016. p.41 – 66.
- ARNAUD, Expedito. Os índios da região do Uaçá (Oiapoque) e a Proteção oficial brasileira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia*, n.40, jul. 1969, Belém. p.01 – 42.
- ASSIS, Eneida de. *Escola indígena, uma “frente ideológica”?* Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, UnB. 1981.
- PPP, Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Camilo Narciso, 2015.
- RONDON, Cândido M. *Índios do Brasil, das cabeceiras do Rio Xingu, dos Rio Araguáia e Oiapóque*. v.II. CNPI, Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1953.
- TASSINARI, AntonellaI.. *Da civilização à tradição: os projetos de escola entre os índios do Uaçá*. SILVA, Aracy L da; FERREIRA, Mariana K. L. *Antropologia, História e Educação. A questão indígena e a escola*. 2 ed. São Paulo: Global, 2001. p.157 – 194.